

CEMITÉRIOS DA CIDADE DE NITERÓI: O DESCANSO DOS MORTOS E O MEDO

GUILHERME ARAUJO DE FIGUEIREDO

Arquiteto e Urbanista, Professor Adjunto do Departamento de Arquitetura da Escola de Arquitetura e Urbanismo (Universidade Federal Fluminense), Doutor e Mestre em Arquitetura | Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (Proarq/FAU/UFRJ).
guilfig@terra.com.br

RESUMO ABSTRACT

O texto a seguir apresenta dados sobre os cemitérios da cidade de Niterói, no Rio de Janeiro, algumas de suas características morfológicas, arquitetônicas e urbanísticas. Além disso discorre sobre alguns dos mais importantes aspectos referentes aos sentimentos despertados na relação entre as pessoas, o luto e os ambientes em que os falecidos são inumados: o medo e a noção do sublime.

Palavra-chave:
Cemitério, Niterói, medo, sublime.

The following text presents the cemeteries of the city of Niterói, Rio de Janeiro, some of its morphological, architectural and urban characteristics. It also discusses some of the most important aspects of the feelings aroused in the relationship between people, mourning and the environments in which the deceased are filled: fear and the notion of the sublime.

Key words:
Cemetery, Niterói, fear, sublime.



O DEBATE PRETENDIDO por este texto inicia-se apresentando a significação de dois termos repetidos com frequência em trabalhos teóricos de arquitetura, urbanismo ou paisagismo: *usuário* e *paisagem*. Usuário é aquele que se serve e desfruta de algo ou de sua utilidade e, peculiarmente no que concerne às disciplinas mencionadas, é o indutor de requisitos específicos que conduzem às propostas espaciais concebidas pelo esforço intelectual dos arquitetos. Paisagem, simplificando, é a expressão imagética e finita configurada como um somatório de camadas sobrepostas, formadas por

elementos naturais e/ou engendrados pelos seres humanos e que se realiza funcional, ambiental e esteticamente como espaço para fruição urbana ou rural. A paisagem a ser aqui apontada será aquela desenhada pelos elementos que (con)formam os espaços funerários para inumação, presentes nas cidades, e os usuários as pessoas que deles se utilizam.

Um dos sentimentos mais significativos, profundos e presentes nas relações travadas entre os seres humanos – ou usuários – e a paisagem dos cemitérios e que mais incomodam é, certamente, a insegurança a respeito do porvir. As imagens dos espaços em que são depositados os restos mortais de nossos iguais, também frequentemente apresentadas nas artes plásticas, nos teatros e cinemas, na iconografia e na literatura ou mesmo em conversas informais geralmente são acompanhadas de uma incômoda sensação de desconforto e o ensaio a seguir tem por finalidade abordar a temática mortuária nos pontos em que esta se relaciona com o cotidiano urbano. Tentar-se-á, portanto, construir a argumentação com base na cientificidade do tema, trazendo à pauta critérios de discussão que aliam a nossa inegável curiosidade mórbida frente ao assunto à temática da Psicologia Comportamental, à Filosofia, à Morfologia Urbana e à Teoria do Projeto de Arquitetura.

Mas por que, incomodados, associamos intrinsecamente aos elementos que constituem os espaços cemiteriais o sentimento do desalento? Muito além da certeza da morte a razão principal de nossa amofinação diante dos cemitérios refere-se principalmente ao enfrentamento do desconhecido. Howard Phillips Lovecraft (1890-1937), americano, exímio escritor de ficção de horror e do fantástico apresenta na introdução de sua obra analítica *O horror sobrenatural na literatura* a seguinte frase: *A emoção mais forte e mais antiga do homem é o medo, e a espécie mais forte e mais antiga de medo é o medo do desconhecido* (LOVECRAFT, 1987, p. 1). O autor afirma que enquanto, nos primórdios, os aspectos benfazejos foram sendo captados pelas religiões e eleitos como bênçãos sobrenaturais, os aspectos maléficos e obscuros do cotidiano justificaram-se no íntimo

humano pelo folclore e pela superstição. Assim sendo, o imprevisível desastroso, as calamidades e os universos de dor atrelaram-se às estruturas fisiológicas do medo. *O autor afirma também que “incerteza e perigo sempre são estreitamente associados, de forma que o mundo do desconhecido será sempre um mundo de ameaças e funestas possibilidades (id. ibid., p. 3).* Muitos dos elementos palpáveis e próximos às pessoas e que remetem à insegurança do oculto localizam-se nas paisagens dos cemitérios.

Além desta questão inescapável, que localiza na paisagem das necrópoles a realidade da morte, o incômodo se estabelece em função da completa e real incompreensão humana a respeito da finitude. Os cemitérios materializam duas situações incontornáveis: a convicção que nossas existências têm um fim e a cabal incerteza daquilo que virá após o momento de nossa morte.

A MECÂNICA DO MEDO

O medo, como sentimento, está implantado na intimidade psíquica e fisiológica dos seres humanos e pode ser identificado, mesmo em estágios embrionários, em todos os seres vivos. Presente – não como sentimento, mas como reação defensiva – em microrganismos sem consciência, estes ao receberem estímulos que possam causar comprometimento danoso em seu funcionamento orgânico ou que provoquem diminuição ou detenção de fenômenos vitais, reagem por meio de paralizações físico-químicas momentâneas. Tais estímulos acabam por condicionar aqueles indivíduos, mesmo que unicelulares, a antecipar a reação sem que haja, necessariamente, atuação direta do agente causador do dano. Cria-se um reflexo condicionado ao estímulo, mesmo que este esteja a uma certa distância, longe do ponto de contato. Do mesmo modo a Biologia afirma que os seres vertebrados preveem fisiologicamente, por meio de paralizações celulares e orgânicas, possíveis ameaças. Esta antecipação retrata, ainda que em estágio incipiente, a fenomenologia do medo.

Em fetos humanos podem-se constatar bloqueios de sinapses nervosas diante de ameaças de danos ou ações que possam causar dor, assim como em recém-nascidos alterações de batimentos cardíacos, contração de vasos sanguíneos periféricos, palidez, movimentos estomacais e intestinais incomuns e contrações musculares que retornam à curvatura e à flexão fetal configuram as reações ante ameaças à integridade física. O medo biologicamente já existe, porém, por conta da tenra maturidade, ainda não é efetivamente sentido.

O processo do medo no ser humano principia-se como consequência às reações fisiológicas provocadas pelas ameaças. A principal reação, após a interrupção dos ritmos normais do corpo, é a busca de uma conduta de fuga para longe da fonte da ação ameaçadora e assim a musculatura é estimulada à translação em sentido oposto à direção da fonte provocadora. Os músculos podem efetivamente ser ativados e funcionarem ou, em consequência a comportamentos de pânico, entrarem em estado de paralisação. *O animal não foge porque tem medo, mas sim para livrar-se do medo* (MIRA Y LÓPEZ, 1963, p.15).

O medo encontra no intelecto humano fértil terreno para agregar a ele um sem-número de agentes que o desperta. Todos os gestos que acompanham ou lembram a ação negativa ou dolorosa condicionam o medo. Enquanto os provocadores da dor crescem matematicamente, pois suas ações contra o indivíduo são pontuais e não amplas, aqueles gestos crescem geometricamente. Não causam dor, mas sim o medo da dor, por isso apresentam-se infundáveis, já que são criados e cultivados na mente.

O cabedal de imagens acumuladas, como lembranças daquilo que provoca a dor, reativa mentalmente a ocorrência original e ressuscita, conseqüentemente, as mesmas reações bioquímicas como se a ação dolorosa fosse real. A imaginação é a função psíquica mediante a qual se associam e combinam os dados e as imagens da vida representativa

e se criam lógicas não conscientes. Por meio dela processos do intelecto elaboram e constroem realidades sonhadas, na maioria das vezes alheias ao estímulo direto. O indivíduo acaba muitas vezes por se pautar pela sua magia, pois a imaginação se ajusta melhor do que a realidade palpável, satisfazendo-o.

A imaginação submete-se a tendências positivas – desejo, anseio, sonho ilusório – ou negativas – dúvidas, presságios, suspeitas, temores – e estas nos trazem

à galope o negro manto do medo e o instala na paisagem, aumentando-o de modo tal que sua sombra cobre todos os caminhos associativos. [...] Por um estranho paradoxo, quanto mais irreal, ou seja, quanto menos preso à realidade exterior – presente e concreta – é um temor (imaginário), tanto mais difícil se torna combatê-lo pelo simples raciocínio de um sã juízo. [...] em suma, o que não existe oprime mais do que aquilo que existe. Não obstante, seria injusto negar existência a isso que não existe, no sentido comum do termo, pois a verdade é que existe na imaginação, ou seja, criado por quem o sofre e, justamente por isso, não lhe pode fugir, pois seria necessário fugir de si próprio para conseguir safar-se de sua ameaça (*id. ibid.*, p.18 e 19).

A fenomenologia do medo nos mostra que o homem não o sente apenas quando se depara com a situação absoluta, concreta, presente e maléfica, mas também ante a sinais associados a ela e que a evocam. O medo imaginário nos leva – retornando a Lovecraft – ao temor do desconhecido e ao medo do inexistente e do inesperado, ou ao medo do nada, já que inexiste na realidade. Estes fatores são causas, mas os motivos, ou os *influxos que nos fazem sentir* (*id. ibid.*, p. 20) medo são muitos mais: carência, fome, conflitos, guerras, cataclismos, dor, humilhações, solidão, doenças, morte. A estes se agrega extenso universo simbólico que relembra a incongruência da morte, paralisa músculos, acelera batimentos cardíacos, provoca suores e nos empalidece.

O CEMITÉRIO NA FICÇÃO E O CENÁRIO MACABRO

A imaginação, quando estimulada pela narrativa da ficção do horror¹, transporta o leitor ou o espectador a mundos descolados da realidade existencial, em enredos sobrenaturais e metafísicas que conectam o universo simbólico do macabro a elementos materiais, que provocam medo: defuntos, caveiras, sepulturas, mausoléus, silêncio desconfortável, solidão sombria, etc. constroem um tipo particular de paisagem que associa toda a sua ambiência ao que poderíamos chamar de *paisagem do medo*. Termo chancelado pelo autor Yi-Fu Tuan (TUAN, 2005), paisagens do medo são *as quase infinitas manifestações das forças do caos, naturais e humanas*, replicadas nas construções mentais e materiais do homem. Explica ele que as tentativas humanas para controlar essas forças são, como elas, onipresentes e toda a construção humana é um *componente na paisagem do medo, porque existe para controlar o caos* (*id. Ibid.*, p. 12).

Os componentes consagrados na ficção de terror como macabros são utilizados pelos autores como mediadores entre a realidade que abriga a imaginação do receptor dos textos e imagens ficcionais e a concretude material do ambiente dos cemitérios. O medo construído na imaginação, o medo do desconhecido – ou o medo do nada, voltando a Mira y López – assume o cenário fúnebre como agente provocador e agrega aos espaços funerários reais, construídos pelo homem, toda a carga maléfica a eles enaltecida pelos livros e telas de cinema, como *n'A casa soturna*, de Dickens, em uma de suas descrições da paisagem cemiterial:

Um cemitério cercado, pestilento e obscuro, de onde doenças perniciosas se alastram pelos corpos de nossos irmãos e irmãs que ainda não partiram. [...] De ambos os lados, as casas observam, exceto onde no pátio um túnel, fétido e diminuto, dá acesso ao portão de ferro – com cada vilania da vida em ação nas proximidades da morte e cada nocivo traço da morte em ação nas proximidades da vida (DICKENS *apud* JOHNSON, 2008, p. 24).

CEMITÉRIO, ARQUITETURA E PAISAGEM

A paisagem e a arquitetura são objetos construídos para adequar o *habitar* – ou o viver – às circunstâncias postas por requisitos eminentemente humanos e por isso apresentam-se como um reflexo da vida – pensamentos, comportamentos, ideologias, diretrizes e filosofias – de seus habitantes. Entretanto o que se pode dizer da arquitetura e da paisagem que refletem por meio de sua espacialidade não o viver, mas, ao contrário, o fim do habitar? Como a espécie humana trata as edificações e as ambiências que consideram como requisito programático principal a contenção e o abrigo não de humanos vivos, mas de estruturas e organismos biológicos mortos em variados estágios de decomposição?

O cemitério é um dos mais intrigantes espaços arquitetônicos criados pelo homem, pois desperta nas pessoas dois sentimentos angustiantes e profundos: a noção do vácuo deixado pelos que ali jazem em restos mortais e o medo da morte, estampada na tridimensionalidade tenebrosa. Nomeado *lugar para dormir*², o lar dos finados ao qual todas as pessoas retornam constitui um cenário – composto por leito topográfico, construções fúnebres, vegetações solitárias, luzes difusas, sombras e silêncio – que abriga o sentimento de incômodo a respeito da finitude do ser humano e o alerta, sorrateira ou enfaticamente, que a morte é um ponto de chegada definitivo e incontornável.

Clarival do Prado Valladares na pioneira obra *Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros* ao comentar sobre a possibilidade de reconhecimento de seu extenso trabalho a respeito dos cemitérios nacionais, descreve sua pesquisa como *demorada e estranha, de tema absurdo e por natureza excluído dos “projects” de maior interesse das grandes fundações* (VALLADARES, 1972, p. XI). Assim também pode ser aludido o trabalho desenvolvido na pesquisa de iniciação científica intitulada *Estudos de Arquitetura Cemiterial no Município de Niterói*, da qual participa o presente estudo.

A referida pesquisa iniciou-se em maio do ano 2017 na Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense, sob coordenação deste autor, tem apoio oficial da Faperj (Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro) e insere-se como parceira no Grupo de Pesquisa Paisagens Híbridas, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O CEMITÉRIO E A PRESENÇA DO SUBLIME

Immanuel Kant (1724-1804), filósofo prussiano, distingue em sua obra dois tipos de beleza: *o belo e o sublime, sendo o primeiro resultante da positividade e o segundo, da negatividade. Diz o filósofo que “o sublime comove, o belo estimula* (KANT apud PULS, p. 304). O teórico e também filósofo irlandês Edmund Burke (1729-1797), ao discorrer longamente sobre o sublime, afirma que tudo que é propenso a produzir tensão entre a dor e o terror necessariamente dá origem a uma paixão semelhante a um dos dois e, conseqüentemente, é fonte do sublime. Para ele

tudo que seja de algum modo capaz de incitar as ideias de dor e de perigo, isto é, tudo que seja de alguma maneira terrível ou relacionado a objetos terríveis ou atua de um modo análogo ao terror constitui uma fonte do sublime, isto é, produz a mais forte emoção de que o espírito é capaz. [...] Dado que dificilmente a morte se prefere, até mesmo em lugar das dores mais extremas, [...] o que geralmente torna a própria dor, se me é lícito dizer, mais dolorosa é ser considerada a emissária dessa rainha dos temores (BURKE, 1993, p. 48).

Burke diz ainda que *nenhuma paixão despoja tão completamente o espírito de toda a sua faculdade de agir e de raciocinar quanto o medo e o pressentimento de dor e de morte, ou seja, o princípio primordial do sublime* (id. *ibid.*, p. 65). Além do terror, o sublime dialoga intimamente com a obscuridade, pois a mesma camufla

a realidade plausível e quando *“temos conhecimento de toda a extensão de um perigo, quando conseguimos que os olhos a ele se acostumem, boa parte da apreensão desaparece. Nessa descrição tudo é escuro, incerto, confuso, terrível e absolutamente sublime (id. ibid., p. 66).*

Desse modo o autor associa à dor o terror, a obscuridade e as privações – grandiosas porque terríveis: vazio, trevas, solidão e silêncio – e corrobora com nossas argumentações anteriores que associam todos estes elementos à paisagem e à tectônica dos cemitérios.

Friedrich Schiller (1759-1805), filósofo alemão, estabelece que o sublime é um objeto frente ao qual *nossa natureza sensível sente suas limitações, enquanto nossa natureza racional sente sua superioridade [...], contra o qual levamos a pior fisicamente, mas sobre o qual nos elevamos moralmente* (SCHILLER, 2011, p.21), isto é, por meio de ideias. O cemitério é, pois, um monumento a nossas angústias e a nossos medos e, portanto, uma obra humana em cujos espaços, ao compararmos nossas limitações à potência devastadora da morte, percebemos consciente ou inconscientemente a presença diante de nós, do sublime.

CEMITÉRIO. QUE LUGAR É ESSE?

O cemitério, como objeto de investigação, oferece uma série de desafios a serem analisados, para além daqueles já categorizados, relativos aos aspectos referências do medo e do sublime. A estas questões, fortemente ligadas à Biologia, à Psicologia e à Filosofia adicionam-se outros vieses ponderativos na medida em que tortuosas estruturas imagéticas relacionadas a fatores provocadores do apavoramento corporificam o imponderável e o desconhecido, já que se trata do lugar onde a morte é cultuada.

A reverência à morte inevitavelmente conduz os pensamentos dos vivos ao extraordinário. Isto se comprova pela costumaz presença,

nos domínios territoriais dos cemitérios, de cerimônias, orações e momentos meditativos relacionados à fé religiosa. Nesta relação a separação entre o pós-morte e a religião é uma impossibilidade, como é impossível anular-se os dogmas e as crenças dos usuários. Os valores dos inumados são demonstrados por meio de crucifixos, santos, anjos, símbolos judaicos, lápides maçônicas e inúmeros outros emblemas que dividem espaço com rituais onde imagens de Exús e Pombagiras são louvados.

Nesse lugar místico, em que a sociedade constantemente tenta domesticar a morte por meio de rituais fúnebres e do luto, as representações espaciais e palpáveis do mundo espiritual e da finitude são categorizadas em regiões, loteamentos e patrimônio simbólico que hierarquizam, como no mundo dos vivos, classes sociais, níveis financeiros, faixas etárias, prestígio político, sucesso profissional, representatividade histórica e outros estereótipos.

Além das questões relacionadas à dicotomia existencial entre a vida e a morte o cemitério é um lugar que necessariamente precisa ser fiscalizado pela saúde pública e por legislação de controle urbano. Aos encarregados pela guarda dos restos mortais é exigido que sejam observados os processos tanatológicos que ocorrem nas sepulturas. Monitorando os mecanismos físicos e químicos gerados pela decomposição dos cadáveres as instituições, públicas ou privadas, responsabilizam-se pelo destino do necrochorume³ e dos gases resultantes da putrescência humana e buscam evitar a contaminação de lençóis freáticos e da atmosfera.

OS CEMITÉRIOS DO MUNICÍPIO DE NITERÓI

São registrados entre o final do século dezoito e o início do dezenove, nas freguesias que compunham as ocupações urbanas onde hoje se encontra o município de Niterói pelo menos três pequenas necrópoles: o Cemitério de Icaraí, ao lado da capela de Nossa Senhora das Necessidades; o de Nossa Senhora da Conceição, em Rio das

Pedras, no bairro de Pendotiba, próximo à capela de mesmo nome e as catacumbas da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, na área central do povoado, em cujo pórtico de entrada se lia: *Nós fomos o que vós sois; vós sereis o que nós somos* (WEHRS, 1984, p. 136).

A origem do cemitério no Brasil se dá nos primeiros anos do século dezenove por meio de Dom Fernando José de Portugal, Vice-Rei e Capitão General de Mar e Terra do Estado do Brasil, em Carta Régia de 9 de janeiro de 1801, na qual ficam proibidos sepultamentos em igrejas e torna-se obrigatória a construção de necrópoles (CASADEI, 1988, p. 294 e 295). Duas décadas depois, em 16 de setembro de 1922, documentos para melhoramentos na Vila Real da Praia Grande⁴ instituem um cemitério comum para todos os paroquianos e abolem definitivamente o uso de sepulturas nos templos (*idem ibidem*, p. 294). De 1855 em diante passaram a ser obrigatórios os sepultamentos em cemitérios, de acordo com o Decreto nº 776, de 19 de setembro daquele ano (WEHRS, *op. cit.*, p. 136).

A partir de então foram inaugurados vários cemitérios, alguns deles originários de necrópoles embrionárias, como é o caso do Cemitério do Maruí, no entorno da Capela de São Pedro e o do Cemitério de São Francisco Xavier, no sopé da elevação onde se encontra a igreja de mesmo nome, ambas do século dezoito.

Atualmente o município de Niterói possui seis cemitérios. Três no bairro do Barreto (Maruí, Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora da Conceição), um no bairro de Charitas (São Francisco Xavier), um no bairro de Itaipu (São Lázaro) e um no bairro de Pendotiba (Parque da Colina).

O CEMITÉRIO DO MARUÍ

São Pedro do Maruí é o nome da capela pertencente à Fazenda de São Pedro, do século dezoito, localizada em área de antigos manguezais, à beira da Baía de Guanabara, no atual bairro do

Barreto. A capela foi tombada pelo Iphan⁵ em 1938 e se encontra no centro do cemitério.

Em meados do século dezenove uma comissão oficial da Província de Niterói incumbiu-se de selecionar uma área destinada à implantação do cemitério público da cidade e a zona alagadiça do Maruí, apesar de ter sido a segunda opção dos comissários, foi a escolhida por estar em região afastada dos bairros centrais – e assim é até hoje. O terreno foi adquirido pelo Governo Provincial em 1853 e as obras foram iniciadas logo em seguida. Em 1854 o Imperador D. Pedro II as visitou e em 1855, ainda em fase de construção, o cemitério precisou ser rapidamente inaugurado em virtude da terrível epidemia de cólera que se abateu sobre a cidade. Suas terras receberam a sagração e logo depois, em 1 de novembro de 1855, foi realizado o primeiro funeral, o de uma escrava de nome Felicidade.

Dentre as centenas de quadras deste que é o maior cemitério municipal de Niterói⁶ (Il. 1), várias delas foram cedidas à Irmandade do Santíssimo Sacramento da Freguesia de São João Batista (Il. 2)

Il. 1: Quadras de gavetas e sepulturas do Cemitério do Maruí.

Fonte: Acervo do projeto *Estudos de Arquitetura Cemiterial no Município de Niterói*.
Fotografia Guilherme Figueiredo.





Il. 2: Ossário do Cemitério do Santíssimo Sacramento.
Fonte: Acervo do *Projeto Estudos de Arquitetura Cemiterial no Município de Niterói*.
Fotografia Guilherme Figueiredo.



Il. 3: Vitral localizado no prédio administrativo do Cemitério de N. S. da Conceição.
Fonte: Acervo do *Projeto Estudos de Arquitetura Cemiterial no Município de Niterói*.
Fotografia Guilherme Figueiredo.

e, em terreno contíguo, à outra irmandade, a de Nossa Senhora da Conceição (Il. 3). São, ao todo, três cemitérios: um municipal e dois particulares, estes pertencentes às irmandades religiosas.

CEMITÉRIO SÃO FRANCISCO XAVIER

Localizado na Zona Sul, em área maioritariamente residencial, entre os bairros de São Francisco e Charitas, o Cemitério São Francisco Xavier (Il. 4), pertence e é administrado pela Prefeitura de Niterói. Oriundo das propriedades da Ordem do Jesuítas, o cemitério já existia antes da existência das leis que instituíram a obrigatoriedade das necrópoles públicas, em meados do século dezenove. Assim como em Maruí, há em sua vizinhança um conjunto de bens que foram tombados pelo Iphan em 1938: a Igreja de São Francisco Xavier, do século dezessete, o outeiro onde a mesma se encontra e o marco jesuítico de pedra para medição de terras, ali fincado em 1730.

O cemitério é de pequenas dimensões, sem possibilidade de expansão, pois seu campo santo encontra-se contido entre os limites das propriedades da igreja e as áreas do centro recreativo Charitas Aeroclube, um clube social privativo.

CEMITÉRIO SÃO LÁZARO

É o menor e mais simples de todos os cemitérios da cidade. Também municipalizado, o Cemitério São Lázaro (Il. 5) encontra-se localizado no bairro residencial de Itaipu, na Região Oceânica de Niterói. Seu desenho abrange metade de uma quadra, dividida com uma delegacia da Polícia Civil. Uma das singelas características deste cemitério é ter como vizinhos imediatos apenas residências térreas ou sobrados e estar delimitado por ruas extremamente calmas e silenciosas. A necrópole possui em um de seus limites um antigo muro com altura de aproximadamente 1 metro, construído em alvenaria de pedra e



Il. 4: Cruzeiro do Cemitério São Francisco Xavier.

Fonte: Acervo do *Projeto Estudos de Arquitetura Cemiterial no Município de Niterói*.
Fotografia Guilherme Figueiredo.



Il. 5: Imagem panorâmica do Cemitério São Lázaro.

Fonte: Acervo do *Projeto Estudos de Arquitetura Cemiterial no Município de Niterói*.
Fotografia Guilherme Figueiredo.

argamassa de conchas, areia e argila, extremamente semelhante ao sistema construtivo do Recolhimento de Santa Tereza, localizado a 900 metros.

Em suas cercanias encontram-se dois bens tombados: um pelo Iphan em 1955, o Museu de Arqueologia de Itaipu (Recolhimento de Santa Tereza) e um pelo Inepac⁷ em 1978, a Igreja de São Sebastião de Itaipu.

CEMITÉRIO PARQUE DA COLINA

O Cemitério Parque da Colina (Il. 6), assim como os das duas irmandades localizados em Maruí, também pertence à iniciativa privada. Seu proprietário é a Ordem de Frei Orlando, com sede na capital mineira de Belo Horizonte. A configuração é completamente diferente da de todos os outros cemitérios da cidade, pois trata-se de um cemitério-

Il. 5: Imagem panorâmica do Cemitério Parque da Colina.

Fonte: Acervo do *Projeto Estudos de Arquitetura Cemiterial no Município de Niterói*.
Fotografia Guilherme Figueiredo.



parque, onde em lugar de lápides, mausoléus e crucifixos há jazigos familiares, que comportam mais de dois enterramentos, identificados apenas por placas, implantadas no solo ao longo de uma vasta superfície de gramados, arbustos e árvores.

O Parque da Colina está localizado no bairro de Pendotiba, em área próxima à comunidade do Cantagalo, ocupada por moradores de baixa-renda e, dicotomicamente, muito próximo a condomínios residenciais de classe média e alta. É, também, o único cemitério de Niterói que oferece serviços de cremação, com instalações especialmente preparadas para este fim.

CONCLUSÃO

A pesquisa *Estudos de Arquitetura Cemiterial no Município de Niterói* levou este autor a confrontar-se com uma realidade estimulante e estranha: o universo de pensamentos, decisões, ações, atividades e espaços relacionados às pessoas, às edificações e às paisagens que lidam com os despojos da sociedade. Estes despojos não se referem somente aos restos que sobram das existências humanas que faleceram e encontram-se guardados nos cemitérios, mas também dos remanescentes de lucidez diante das situações de medo. O medo, aqui, não significa necessariamente o pavor diante da morte, mas sim diante dos elementos morfológicos, geométricos e, principalmente simbólicos que fazem as imaginações confrontarem-se com manto sombrio e gelado da finitude.

Visitar e analisar, sob o viés de pesquisador, professor e arquiteto, os cemitérios de minha cidade, onde meus avós, meu pai e alguns dos meus amigos descansam, em certo sentido fortaleceu meu ânimo a continuar buscando as respostas a respeito do nada, que somente os filósofos, os físicos e os religiosos talvez conheçam.

Como profissional da arquitetura e da academia desejo, juntamente com meus colegas que também esmiúçam a indefinição do luto,

encontrar, talvez entre os corredores de gavetas funerárias – que me dão medo – e talvez sob o brilho dos mármore iluminados pelo sol silencioso, novos enigmas científicos que possam ser, por nós, exumados.

REFERÊNCIAS

BURKE, Edmund. *Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo*. Campinas: Papirus (Universidade de Campinas), 1993.

CASADEI, Thalita de Oliveira. *A Imperial cidade de Niterói*. Niterói: Ímpar, 1988.

DOUGHTY, Caitlin. *Confissões do crematório: lições para toda a vida*. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2016.

GUELMAN, Regina Prado (Org.). *A preservação do patrimônio cultural de Niterói*. Niterói: Fundação de Arte de Niterói, 2007.

HUGO, Victor. *Do grotesco e do sublime*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

JOHNSON, Steven. *O mapa fantasma: como a luta de dois homens contra o cólera mudou o destino de nossas metrópoles*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

KING, Stephen. *Dança macabra: o terror no cinema e na literatura dissecado pelo mestre do gênero*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

LOVECRAFT, Howard Phillips. *O horror sobrenatural na literatura*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1987.

MIRA Y LÓPEZ, Emilio. *Quatro Gigantes da Alma: o medo, a ira, o amor, o dever*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1963.

PULS, Maurício Mattos. *Arquitetura e filosofia*. São Paulo: Annablume, 2006.

ROCHA, Francisco Manuel Pinto. *Morte, espaço e arquitetura: das ideias às formas, um projeto*. Porto: Dissertação de Mestrado – Universidade do Porto, 2012/2013.

SCHILLER, Friedrich. *Do sublime ao trágico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

TUAN. Yi-fu. *Paisagens do medo*. São Paulo: UNESP, 2005.

VALLADARES, Clarival do Prado. *Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura/MEC, 1972.

WEHRS, Carlos. *Niterói Cidade Sorriso; história de um lugar*. Rio de Janeiro, 1984.

NOTAS

- ¹ Como exemplos notáveis e fundamentais à construção de nossos arquétipos culturais do fantástico e do horror destacam-se as seguintes obras literárias, muitas delas consubstanciadas também como clássicos cinematográficos: *Frankenstein* (Mary Shelley, 1818); *Moby Dick* (Herman Melville, 1851); *O médico e o monstro* (Robert Louis Stevenson, 1886); *Drácula* (Bram Stoker, 1897); *O chamado de Cthulhu* (Howard Phillips Lovecraft, 1928); *O exorcista* (William Peter Blatty, 1971); *O iluminado* (Stephen King, 1977); *O silêncio dos inocentes* (Thomas Harris, 1988) e outros.
- ² Do grego *koimetérion*, “dormitório”, pelo latim *coemeteriu* (FERREIRA, 1999, p.440).
- ³ Necrochorume: líquido composto por água, sais minerais e substâncias orgânicas proveniente dos processos de decomposição do cadáver.
- ⁴ Vila Real da Praia Grande: nome da cidade de Niterói entre os anos de 1819 e 1835.
- ⁵ IPHAN: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
- ⁶ O cemitério do Maruí acolhe cerca de setenta por cento dos sepultamentos da cidade.
- ⁷ INEPAC: Instituto Estadual do Patrimônio Cultural – Estado do Rio de Janeiro.